

# A MULHER NA PERIFERIA

Por: Dília Silva, vice-presidente da Associação dos Moradores do Morro do Horácio, Agrônoma — Florianópolis/SC e Carlos Alberto Pinto da Silva, estudante de Teologia, 4º ano.

A situação periférica envolve a grande parte do povo de Deus (1). Por isso, a teologia não pode ficar alheia aos clamores do povo sofrido. Este povo é constituído por homens e mulheres e, de modo geral, a Bíblia confirma essa constatação no relato sacerdotal da criação (2). Especificamente trataremos da situação da mulher, e esta na periferia. O próprio Jesus Cristo despojou-se de sua condição divina (3), e deu especial atenção às mulheres marginalizadas (4).

## a) A marginalização:

A mulher, por ser mulher já sofre uma grande discriminação. Por outro lado, a mulher na periferia é marginalizada não só pelo fato de ser mulher, como também por ser pobre. A condição social de empobrecida faz com que ela seja encarada pelo resto da sociedade, homens e mulheres com melhores condições de vida, não só como alguém depossuída dos bens necessários à subsistência, mas ainda destituída de sua dignidade, honestidade, laboriosidade e identidade pessoal. Por isso, a mulher na periferia é a negra, a faxineira ladra, a doméstica leviana, a prostituta, a mulher da rua, aquela vadia que não quer nada com nada. A marginalização ou discriminação da mulher na periferia se estende ao âmbito da Igreja. Esta, contrariamente ao Evangelho, fechou-se para as mulheres, reforçando ainda mais a sua marginalização (5). Embora as mulheres somem a metade do número dos fiéis, são juridicamente consideradas incapazes para quase todas as funções de direção na Igreja (6). Estas atitudes da Igreja, somadas às atitudes insistentemente proselitistas das seitas pentecostais, que grassam nas periferias, arrastam as mulheres para tais denominações religiosas que, de nenhuma forma, colaboram para a sua libertação; ao contrário, as seduzem para a aceitação da sua condição de marginalizada. Para a mulher na periferia, portanto, a Igreja parece uma casa fechada ao mundo. A fome, miséria e inflação (FMI) raras vezes interpelam a Igreja como chaves da exploração das Filhas de Deus.

## b) A relação de dominação:

***A publicidade erótica apresenta uma mulher sensual e atraente que não reflete a condição de vida da mulher na periferia.***

A marginalização da mulher na periferia é um dos pontos de manutenção de uma verdadeira relação de dominação, nos seus mais diversos aspectos. Ela é dominada porque tem menores chances de alcançar um grau maior de escolarização, pois não possui as condições de manutenção econômica autônoma como acontece com grande parte dos homens. Ela é dominada através do seu sexo, pois torna-se objeto de prazer, mercado propício para as desnecessidades da moda burguesa; e a publicidade erótica apresenta uma mulher sensual e atraente que não reflete a condição de vida da mulher na periferia. Os meios de comunicação social alienam as mulheres que, em muitos casos, são obrigadas a ficar em casa: este, por exemplo, é o caso das empregadas domésticas que estão mais ligadas no rádio do que nos interesses de sua classe. A mulher ainda é dominada no processo de produção. O seu trabalho é geralmente menos remunerado do que o trabalho do homem (7). Depois, além do trabalho profissional, a mulher tem que assumir a maior parte das tarefas domésticas e a educação dos filhos. A necessidade de competir profissionalmente com o homem a obriga a renunciar a ter filhos ou então a contentar-se com dois ou três. Ademais, ela é também dominada em seu casamento ou união marital, porque quase

sempre está sujeita ao senhorio do esposo ou companheiro e muitas vezes aos caprichos dos próprios filhos, o que a impede de participar a sua feminilidade dentro da comunidade.

## c) Perspectivas de ação:

Apesar da triste realidade em que se encontra a mulher na periferia, novas esperanças começam a brotar neste chão de exploração, dentro dos parâmetros de uma dialética cruz-ressurreição. Assim, a mulher na periferia começa a participar mais ativamente dos movimentos populares, das associações de moradores, das pastorais específicas da Igreja, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), dos grupos de mães, etc. Algumas chegam mesmo a despontar com grande influência dentro dos partidos políticos mais comprometidos com os trabalhadores (8). Também na Igreja, a participação da mulher começa a tomar vulto e a se tornar significativa, principalmente através dos ministérios. As mulheres podem lutar para conquistar os ministérios, como também podem lutar para conseguir a sua transformação. A linha de ação para a busca da libertação, assemelha-se ao trabalho do lavrador ao atear fogo no campo para fazer a queimada: ele nunca começa o fogo no centro, mas sim na periferia. Então, cabe à mulher lutar corajosamente contra as diversas forças de exploração a que está sujeita no enfrentamento da vida e que ferem os desígnios salvífico-libertadores de Deus.

“Como não pensar na situação da mulher dentro da sociedade e das Igrejas?” (9). Esta é uma colocação que deve questionar a cada um dos cristãos. Principalmente para nós que cremos que a fé da mulher na periferia é como uma chama: onde ela cai, queima. Que a sua santidade está justamente no saber assumir a sua própria feminilidade, marcada de marginalização, dominação e exploração. Que Maria de Nazaré é o testemunho histórico para as mulheres porque foi tão explorada e marginalizada quanto o são hoje as suas filhas na periferia. Por fim, oxalá o fato de ter algo a escrever signifique para a mulher na periferia o compromisso efetivo com algo a fazer.

## Notas

- 1) Periferia é entendida aqui como uma situação de marginalização e empobrecimento em relação a um centro de poder e riqueza.
- 2) Gênesis 1,27
- 3) Filipenses 2,6-11
- 4) Mt 5,28; 9,20; 15,28; 27,55; Mc 7,26; 14,3; 15,40; Lc 23,49; Jo 4,9
- 5) Contudo, a “Gaudium et Spes” é taxativa quando recrimina qualquer discriminação como contrária ao plano de Deus (GS 29b / 289)
- 6) Note-se que as mulheres criaram espaços de liberdade e igualdade, como a condição das viúvas na Igreja primitiva e as mulheres citadas por Paulo em Romanos 16
- 7) O trabalho feminino perfaz 1/3 do total das horas de trabalho do Brasil e percebe apenas 10% dos salários pagos. Cf. Relatório do DIEESE de 1986.
- 8) Veja, por exemplo, o debate ocorrido este ano na reitoria da UFSC sobre “A mulher e a reforma agrária”. Cf. Boletim Informativo da APG-UFSC.
- 9) D. Paulo Evaristo, Cardeal Arns, “Direitos Humanos e a tarefa da Igreja” in “Direitos Humanos”, CEI, Suplemento 15, RJ, 1976, p. 28.

## Endereço dos Autores:

Instituto Teológico de Santa Catarina — Cx. Postal 5041 — 88041 — Florianópolis, SC.